

## **O “povo” nas ruas e as festas abolicionistas: cultura política e a abolição do Ceará nas ruas da Corte.**

**Lusirene Celestino França Ferreira \***

### **RESUMO:**

Este artigo pretende analisar o impacto das festas abolicionistas que ocorreram nas ruas do Rio em comemoração a abolição da escravidão no Ceará (1884). Nossa pesquisa parte da análise dos periódicos que circulavam na Corte Imperial, tendo como objetivo perceber os desdobramentos das notícias sobre esse evento histórico relacionando a imprensa com as culturas políticas dos atores sociais envolvidos neste processo histórico. Indicamos como perspectivas teóricas para este trabalho a renovada historiografia da escravidão no Brasil e os estudos de história cultural que privilegiam as práticas culturais, as tensões sociais e os agentes sociais. Assim, procuramos apreender as ações dos diversos grupos sociais que participaram deste processo histórico e contribuíram para transformar o cenário da abolição.

**Palavras chave:** imprensa, repercussão; abolição do Ceará.

### **ABSTRACT:**

This article intends to analyze the impact of the abolitionists parties that occurred in the streets of the Rio in commemoration the abolition of the slavery in the Ceará (1884). Our research it starts of the analysis of periodic that they circulated in the Imperial Corte, having as the objective one to perceive the unfoldings of the notice on this historical event relating the press with the cultures politics of the involved social actors in this historical process. We indicate as perspectives theoretical for this work the renewed historiography of the slavery in Brazil and the studies of cultural history that they privilege the cultural practices, the social tensions and the social agents. Thus, we look for to apprehend the actions of the diverse social groups that had participated of this historical process and had contributed to transform the scene of the abolition.

**Key Words:** press; repercussion; abolition of the Ceará.

### **Introdução**

Em meados da década de 80 do século XIX emergem vários grupos sociais que notavelmente se confundem no cenário da luta pela abolição, mas se distinguem uns dos outros por seus projetos e discursos, pelo menos é assim que observamos na historiografia que aborda a temática da abolição<sup>1</sup>. E assim, republicanos, monarquistas, emancipadores, imigrantistas, abolicionistas, libertos, senhores e escravos travavam embates intensos na arena

---

\* Mestranda do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de São João Del-rei (UFSJ) e bolsista da UFSJ.

<sup>1</sup> Dentre os estudos mais recentes que tratam da temática do abolicionismo nas últimas décadas do século XIX, delineando os diversos projetos e tendências abolicionistas, imigrantistas e emancipacionistas que estavam em pauta, inclusive, incluindo os escravos como sujeitos históricos na luta pela abolição no Império do Brasil. Ver especialmente os estudos de: AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. **Onda negra, medo branco:** o negro no imaginário das elites, século XIX. 2º edição. São Paulo: annablume, 2004; MACHADO, Maria Helena. **O Plano e o pânico:** os movimentos sociais na década da abolição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ-EDUSP, 1994.

da abolição. Embora, nem todos estejam lutando a favor da abolição da escravatura, a maioria se empenhava em resolver a questão do “elemento servil”.

De fato, neste momento a imagem de um “povo” sem voz e sem participação política evocada por Joaquim Nabuco em um discurso proferido na campanha eleitoral de 1884, no Teatro Santa Isabel em Recife, já não estava em consonância com os últimos acontecimentos da conjuntura política do Império:

*Infelizmente, senhores, nós lutamos contra a indiferença que a nossa causa encontra entre essas mesmas classes que deverão ser nossas aliadas e que a escravidão reduz ao mais infeliz estado de miséria e dependência. É triste dizê-lo, mas, é verdade. Por acaso os homens de cor, filhos e netos de escravos, que trazem no rosto a história do martírio de sua raça, têm aderido ao nosso movimento com dedicação e a lealdade que era de esperar dos herdeiros de tantos sofrimentos? Não! Eles não se atrevem a fazer causa comum com os abolicionistas e muitos são encontrados do lado contrário! (Sensação.)*

*[...]*

*E, no entanto, senhores, que amor têm a este pobre povo do interior os que falam em nome dele – **porque ele não tem voz?** (grifo nosso). (NABUCO; 2005; 27-28)*

Esse discurso era muito comum entre as elites que participavam do movimento abolicionista. Para eles, o povo não participava ativamente da política e os abolicionistas eram os porta-vozes dos excluídos da cena pública. Mas ao percorrermos as páginas dos jornais da época percebemos outro cenário, outra imagem desse *pobre povo sem voz*.

Conforme notou Maria Helena Machado em seu estudo sobre os movimentos sociais na década da abolição, o movimento abolicionista abriu espaço para a participação de diversos agentes sociais, atingindo até as vozes dissonantes, o “povo” ou “populacho” dos centros urbanos e zonas rurais das províncias de São Paulo e Rio de Janeiro. Para a autora:

*[...] o abolicionismo abriu espaços para abrigar tendências e atuações muito diversas. Dinâmica peculiar na qual a crescente participação do zé-povinho e a radicalização de certos matizes empurravam os setores mais conservadores ao abandono das estratégias gradualistas e emancipacionistas.*

*Vistas em retrospecto, as idéias que circulavam, na década de 80, nos meios abolicionistas, desenham uma graduação de cores e matizes que, muitas vezes, tem servido para encobrir as diferenças do que ressalta-las. De fato, as molduras ideológicas que continham o movimento abolicionista podiam ser tão variadas e imprecisas quanto o eram diferentes setores sociais que a ele aderiram. [...]* (MACHADO; 1994;160)

E assim, o movimento abolicionista formava-se e transformava-se cada vez mais em um mosaico de idéias de grupos sociais distintos. Contudo, é importante ressaltar que estes grupos se relacionavam entre si, — e embora seus projetos e idéias contrastassem — esses

grupos sociais também compartilhavam o mesmo objetivo que era acabar com o “cancro” que corroía a sociedade brasileira, ou seja, acabar com a escravidão no Império do Brasil.

Em relação à participação do povo na política imperial, já existem importantes estudos que destacam que houve uma mudança expressiva no comportamento político e nas ações dos diversos agentes sociais em 1880, demonstrando assim, que a política deixava de ser circunscrita às elites, sendo assim, a participação do povo no cenário político do Império evidenciava a constituição de uma “nova cultura política”, em que os debates políticos alcançavam as ruas e as vozes dissonantes.

O artigo de Sandra Graham sobre o “Motim do Vintém”, aponta que a revolta que ocorreu nas ruas da Corte em janeiro de 1880 por causa do imposto de um vintém sobre as passagens dos bondes urbanos foi um acontecimento que marcou profundamente a vida política no Império. Para Sandra Graham, o “motim do vintém” instaurou uma “nova cultura política”, em que as decisões políticas saíram da tribuna do Parlamento para se tornarem interesse público, alcançando as ruas e toda a população da Corte. Mais do que isso, esse novo estilo político que foi inaugurado na revolta do vintém foi um estilo que seria elaborado e forjado durante a década de 1880.<sup>2</sup>

Contudo, Angela Alonso lembra que houve várias transformações na década de 1870 que contribuíram para as mudanças no cenário político da Corte em 1880. A formação de um pequeno espaço público com a constituição de uma nova imprensa, principalmente na Corte e nos centros urbanos do todo o Império, formaram-se pequenos jornais, folhas diversas e uma multiplicidade de impressos independentes em relação aos partidos imperiais, contribuindo assim, para a constituição de práticas políticas que iria além dos espaços formais da política imperial. Os grupos contestadores do *status quo* imperial da década de 1870 e 1880 recorreram às práticas modernas de contestação que se difundiam principalmente na Europa e nos Estados Unidos, como os *meetings*, as manifestações públicas de reivindicações através

---

<sup>2</sup> Cf: GRAHAM, Sandra Lauderdale. “O Motim do Vintém e a Cultura Política do Rio de Janeiro 1880”. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo. V. 10; nº20. pp.211-232, mar./ago., 1991. A primeira versão desse artigo foi publicada na *Hispanic American Historical Review*, 60 (August 1980, pp.431-449). Na esteira desse estudo sobre cultura política no Rio de Janeiro, alguns estudos sobre abolição no Brasil já apresentam abordagens inovadoras que consideram a participação do povo na luta pela abolição, dentre estes, destacam-se: MACHADO, Humberto Fernandes. **Palavras e brados: a imprensa abolicionista do Rio de Janeiro, 1880-1888**. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH/USP, 1991; MACHADO, Maria Helena. Op. cit; e SANTIAGO, Ana Maria de Almeida. **Repensando a campanha abolicionista: Elite política e cultura política (1881-1889)**. Dissertação de Mestrado. Niterói: UFF, 1997. Outro interessante estudo que aborda essa temática e que relaciona cultura política e o protesto de escravos no Brasil escravista, enfocando nas ações e estratégias de revoltas de escravos e as relações de negociação e conflitos gestadas pelos senhores, escravos e libertos. Cf: GOMES, Flávio dos Santos. “História, protesto e cultura política no Brasil escravista”. In: SOUZA, Jorge Prata de, (org.). **Escravidão: officios e liberdade**. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro – APERJ, 1998.

de associações temáticas, os comícios, a proliferação de *clubs* e associações, as passeatas, as greves, enfim, uma infinidade de práticas político-culturais foram mobilizadas por esses grupos contestadores para apresentarem seus projetos de reforma à sociedade. Além disso, esses grupos contestadores reinventaram o significado da palavra “povo” e opinião pública que estava agora fora do âmbito parlamentar. A nova opinião pública era definida pela população marginalizada pela sociedade estamental e pelas instituições políticas do Segundo Reinado: “os trabalhadores urbanos de baixa renda; os empregados do comércio; os profissionais liberais, como professores e jornalistas; os estudantes; os homens livres pobres do campo; e mesmo os politicamente incapazes: as mulheres, os analfabetos, os escravos”. (ALONSO; 2002; 263-330)

### **A repercussão da abolição do Ceará nas ruas da Corte.**

Para fazer uma análise mais minuciosa da repercussão desse evento histórico na Cidade Imperial é preciso trazer à tona não apenas a participação dos abolicionistas e dos senhores de escravos nesse processo histórico, mas também demonstrar que a população pobre, os libertos e os escravos participaram ativamente desse processo histórico, forjando tramas e trilhando conflitos sociais intensos no cenário da abolição.

Com isso, propomos fazer uma abordagem cultural dos impressos que circularam na Corte Imperial, analisando principalmente a recepção e as formas de *apropriação* das palavras impressas pelos atores sociais. Desta forma, consideramos que a imprensa pode funcionar como um importante propagador de idéias e uma forma de atuação política. É importante também considerar a imprensa não apenas como um veículo de informação ou como mera ilustração de registros de acontecimentos, mas, sobretudo, como possuidora de ingredientes, que formatam, reescrevem e redirecionam – criando ou silenciando – eventos e personagens. Ao considerarem a importância e o papel da imprensa nos espaços públicos, Marco Morel e Mariana Barros destacaram que:

*[...] os impressos, suas idéias e informações relacionavam-se de forma dinâmica com a sociedade, circulavam, eram repetidos e podiam ser reapropriados. As fronteiras e definições entre grupos políticos e seus vocabulários, o perfil de formadores de opinião e a circulação de vozes e clamores pelas ruas divulgam outras dimensões do que chamamos aqui de transformação dos espaços públicos (MOREL & BARROS; 2003: p.44).*

Sendo assim, abordagens teóricas e metodológicas a partir da imprensa – e também dos debates parlamentares – permitem esquadriñar narrativas acerca da “questão servil” transbordando as ruas através da apropriação de notícias e rumores, alcançando outros sujeitos históricos. É possível assim mergulhar na atmosfera política e nas apropriações culturais dos personagens e setores sociais diversos que atuaram no cenário da abolição. Os períodos que antecederam o fim da escravatura no Império – leiam-se debates, propostas, experiências e percepções – foram repletos de incertezas e disputas, já que as ações de variados sujeitos históricos se orientavam por interesses múltiplos e diversos. Mais do que isso, tal atmosfera rica de sentidos e símbolos foi construída e reescrita em narrativas historiográficas entre silêncios, esquecimentos, linearidades e generalizações explicativas.

Nas páginas dos periódicos do século XIX as cenas da escravidão e da abolição se reproduziam paulatinamente, demarcando os espaços em que os vários grupos sociais atuavam. As várias faces e matizes do movimento abolicionista podem ser percebidos até mesmo nos títulos dos periódicos que circulavam na Corte Imperial naquele período. Não resta dúvida que a imprensa da Corte imprimiu as diversas formas e tons do movimento abolicionista. No período em que foi abolida a escravatura na província do Ceará, além dos jornais da Corte terem participado intensamente do debate em torno desse evento, alguns periódicos surgiram de forma efêmera apenas em comemoração a abolição do Ceará, foi o caso do jornal *O Acarape* que teve apenas um número, *O vinte e cinco de março*<sup>3</sup> que foi criado por alguns tipógrafos em homenagem à Província do Ceará, e *A terra da redenção* que circulou entre maio de 1883 e março de 1885, mas somente através de edições em datas comemorativas do processo da abolição do Ceará.

Na Corte Imperial as notícias sobre a abolição no Ceará aumentaram mais ainda o tom das discussões e o volume das expectativas. Representava uma ameaça de revoltas ou ondas de fugas escravas que podiam se espalhar, sem falar na tensão aumentada em torno da questão da autonomia das províncias, impostos, crise imperial e a centralização política. Ruíam os alicerces (mais imaginados do que reais) de uma classe política coesa e de setores econômicos

---

<sup>3</sup> Esta folha comemorativa teve apenas uma edição e foi publicada pela typ. Augusto dos Santos na cidade do Rio de Janeiro em 25 de março de 1884. É importante ressaltar, que este periódico comemorativo teve duração efêmera e não está relacionado com o jornal abolicionista *Vinte e Cinco de Março* da cidade de Campos dos Goytacazes, interior da província do Rio de Janeiro. Segundo Robert Conrad, o jornal *Vinte e Cinco de Março* apareceu pela primeira vez em primeiro de maio de 1884, cujo proprietário e diretor foi Carlos de Lacerda, um dos principais abolicionistas da cidade de Campos que era presidente do Club abolicionista Carlos de Lacerda. Mas, não resta dúvida de que o título do jornal tem íntima relação com as homenagens à abolição da Província do Ceará. Cf: CONRAD, Robert. **Os últimos anos da escravatura no Brasil (1850-1888)**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. pp.239-240.

seguros quanto aos rumos da questão do “elemento servil” no Brasil. O temor (um quase fantasma) da desordem se espalhava como fogo alcançando senzalas, casebres e palácios.

Após a Província do Ceará ter decretado a abolição da escravatura em seu território, esse evento foi amplamente divulgado nos periódicos da cidade do Rio de Janeiro e um clima de euforia inundou as ruas da Corte Imperial que se tornaram palco de festas, comícios, quermesses, passeatas e manifestações públicas de diversos setores da sociedade. Estas festas em comemoração a abolição do Ceará despertaram o interesse de toda a população da Corte, propagando rumores e expectativas pelas ruas. Mais do que isso, não apenas despertaram o interesse da opinião pública sobre essas notícias, mas criaram uma atmosfera de medo de revoltas e sublevações de escravos na população do Rio de Janeiro. Em dois de maio de 1884, os ecos das festas em comemoração ao Ceará ainda se reproduziam nas ruas da Cidade Imperial, o jornal *Diario do Brazil* denunciava algumas placas de propaganda abolicionista colocadas no largo São Francisco de Paula, na Rua do Ouvidor e na Escola Polytechnica que homenageavam a abolição do Ceará, aumentando mais ainda os receios da população da Capital do Império.

Em vinte e seis de março o editorial da *Gazeta da Tarde* aumentava mais ainda os brados a favor da abolição do Ceará. Este jornal noticiava e acompanhava todos os eventos que aconteceram nas ruas do Rio de Janeiro em virtudes dos festejos abolicionistas em comemoração à extinção da escravidão na Província do Ceará, principalmente, quando as ruas da Corte tomaram aspecto de festa:

*Apesar dos boatos que os mal intencionados propalaram hontem, sobre desordens; apesar de ficar presa nos quarteis de promptidão, toda essa brilhante [festa] que hontem houve, esteve grande enorme, incomparável a festa com que a confederação abolicionista solemnisou o advento da liberdade no Ceará.*

*Essa deslumbrante manifestação que terminou hoje, [...] levou aos recintos do Polytheama ofuscantemente adornados mais de dez mil pessoas. A Rua do Lavradio, das 4 horas em diante, esteve intransitável [...].*

*Theatros, jardins, pavilhões, bazares, tudo transbordou de povo!*

*As illuminações foram offuscantes, e, certamente, de três a quatro mil pessoas não conseguiram entrar no jardim.*

*Hoje, porém, repete-se o feérico [sic] espectáculo que tanto arrebatou a população fluminense, e, como hotem, dez mil luzes brilharam nos jardins e pavilhões. [...] (GAZETA DA TARDE, Rio de Janeiro, 26/03/1884)*

As quermesses, leilões, passeatas, comícios, *meeting* e festas abolicionistas realizadas na Corte causaram grande comoção pública. Várias pessoas contribuíram com prendas e dinheiro para a realização das quermesses. Os jornais *Gazeta da Tarde* e a *Gazeta de Notícias*

publicavam todos os dias as relações nominais das pessoas e das prendas doadas para a quermesse.

Nessas listas de pessoas que colaboram com as festas percebemos que a população da Corte em peso queria se solidarizar e participar do movimento abolicionista. Tanto pessoas anônimas, como pessoas da elite contribuíram com as festas. Do dia dezenove ao dia vinte e seis de março de 1884 foram doadas diversas prendas, entre elas, estão: um alfinete de ouro para gravata, com uma ametista foi doado por Mattos, distinto ator; um pano de *crochet* foi doado por um ingênuo<sup>4</sup>, por nome Oscar e por um empregado do comércio foi doado um retrato da falecida Esther de Carvalho (GAZETA DE NOTÍCIAS; 19/03/1884). Um riquíssimo par de jarras grandes, de fina porcelana, *baccarat* foi doada pela Sra. Baronesa de Canindé; a Sra. Viscondessa de Caravellas doou um porta-jóias de veludo azul e cetim branco, guarnecida de metal e cordões dourado, e um mimoso lenço de crivo, trabalho do Paraguai; de Mme. Couty, um ovo de madrepérola (estojo de costura) sustentado por um boneco de metal dourado, sobre peanha prateada; de um anônimo, “um drama da escravatura”, 1 vol.; por um portuense abolicionista, uma estatueta de biscuit; pelo club abolicionista Gutemberg, um prato, tendo no fundo o retrato de Abraham Lincoln; pelo Sr. Severiano Nunes Cardoso de Resende<sup>5</sup>, de S. João d’El-Rei, e redator do *Arauto*, 15 brochuras do seu drama – a Virgem Martyr de Santarém. (GAZETA DE NOTÍCIAS; 20/03/1884). Do Sr. Anacleto Augusto de Medeiros, a polca instrumentada para orquestra, intitulada *Francisco do Nascimento*, de sua composição; de um cearense, um lindo lenço de seda azul (GAZETA DE NOTÍCIAS; 22/03/1884).

De fato, essa é apenas uma das faces do movimento abolicionista e dos festejos abolicionistas que ocorreram nas ruas da Corte. Como podemos perceber entre os diversos agentes que participaram das homenagens ao *Ceará Livre* estavam os libertos, os escravos, as elites, os artistas, os comerciantes, os jornalistas, enfim, diversos indivíduos anônimos que foram eclipsados da história da abolição por não estarem ligados diretamente às associações e agremiações abolicionistas. A própria colaboração dessas pessoas com prendas, manifestações, passeatas, demonstram como às *culturas políticas*, – enquanto práticas culturais e a politização das ações dos agentes – dos diversos agentes sociais estavam sendo criadas, recriadas e forjadas a cada instante. Essa politização das ações dos agentes demonstra

<sup>4</sup> Os ingênuos eram os filhos de escravos libertos pela lei de 1871.

<sup>5</sup> Segundo Alex Lombello Amaral, o redator do periódico *Arauto de Minas*, Severiano Nunes de Rezende era um exímio “conservador” e fazia oposição às folhas liberais que surgiram nas últimas décadas do século XIX em São João del-Rei. Cf. AMARAL, Alex Lombello. **Cascudos e Chimangos**: Imprensa e Política em São João Del-Rei (1876-1884). Dissertação de Mestrado. Juiz de Fora: UFJF, 2008.

os múltiplos sentidos e a importância que essas práticas culturais tiveram para a gestação e a circulação de uma *cultura política*<sup>6</sup>, isto é, uma atmosfera política, que tinha a participação de diversos agentes sociais e alcançava as ruas. Com efeito, a participação dos diversos indivíduos – sem nome e sem rosto, denominado povo – contribuíram para que esses eventos nas ruas da cidade Imperial tomassem dimensões inesperadas e transformassem os rumos do encaminhamento político da abolição no Império.

### **Conclusão:**

Com as festas abolicionistas que ocorreram na Corte em homenagem à abolição do Ceará podemos perceber o quanto esse evento foi importante para se forjar uma atmosfera política de solidariedade entre os diversos atores sociais envolvidos neste processo histórico. De certa forma, estas festas realizadas na Corte possibilitaram que abolicionistas, escravos, libertos, republicanos, conservadores, liberais, monarquistas e vários outros grupos sociais que eram a favor da abolição da escravatura compartilhar sentimentos e experiências nas ruas da Corte. As atuações desses vários grupos demonstram que apesar deles se distinguirem em seus discursos, suas ações convergiam para um mesmo objetivo, que era convencer a sociedade brasileira que a abolição era inevitável e a participação do povo era um indício de que o fim da escravidão no Brasil estava próximo.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

#### **JORNAIS:**

A terra de Redenção (1884)  
Diário do Brasil (1884)  
Gazeta da Tarde (1884)  
Gazeta de Notícias (1884)  
O Acarape (1884)  
O vinte e cinco de março (1884)

---

<sup>6</sup> Conforme notou Ângela de Castro Gomes, o conceito de *cultura política* torna-se uma ferramenta importante para os historiadores porque permite análises e interpretações sobre o comportamento político de atores individuais e coletivos. Além disso, esta categoria traz para a cena histórica, o movimento de idéias e ações tanto dos grupos dominantes quanto dos grupos dominados, privilegiando as suas percepções políticas, suas vivências e lógicas cognitivas. Cf. GOMES, Ângela de Castro. “História, historiografia e cultura política no Brasil: algumas reflexões”. IN: (orgs) SOIHET, Raquel; BICALHO, Maria Fernanda B. e GOUVÊA, Maria de Fátima S. *Culturas políticas: Ensaio de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: FAPERJ/MAUAD, 2005. pp.21-44.

**LIVROS e TESES:**

ALONSO, Angela. **Idéias em movimento:** a geração de 1870 na crise do Brasil-Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

AMARAL, Alex Lombello. **Cascudos e Chimangos:** Imprensa e Política em São João Del-Rei (1876-1884). Dissertação de Mestrado. Juiz de Fora: UFJF, 2008.

AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. **Onda negra, medo branco:** o negro no imaginário das elites, século XIX. 2º edição. São Paulo: annablume, 2004.

CONRAD, Robert. **Os últimos anos da escravidão no Brasil (1850-1888).** 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GOMES, Ângela de Castro. “História, historiografia e cultura política no Brasil: algumas reflexões”. IN: (orgs) SOIHET, Raquel; BICALHO, Maria Fernanda B. e GOUVÊA, Maria de Fátima S. **Culturas políticas: Ensaio de história cultural, história política e ensino de história.** Rio de Janeiro: FAPERJ/MAUAD, 2005. pp.21-44.

GOMES, Flávio dos Santos. “História, protesto e cultura política no Brasil escravista”. In: SOUZA, Jorge Prata de, (org.). **Escravidão: ofícios e liberdade.** Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro – APERJ, 1998.

GRAHAM, Sandra Lauderdale. “O Motim do Vintém e a Cultura Política do Rio de Janeiro 1880”. In: **Revista Brasileira de História.** São Paulo. V. 10; nº20.

MACHADO, Humberto Fernandes. **Palavras e brados:** a imprensa abolicionista do Rio de Janeiro, 1880-1888. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH/USP, 1991.

MACHADO, Maria Helena. **O Plano e o pânico:** os movimentos sociais na década da abolição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ-EDUSP, 1994.

MOREL, Marco e BARROS, Mariana Monteiro de. **Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

NABUCO, Joaquim. **Campanha abolicionista no Recife:** (eleições 1884/Joaquim Nabuco). Edições do Senado Federal; v.59. Brasília: Senado Federal, 2005.

SANTIAGO, Ana Maria de Almeida. **Repensando a campanha abolicionista:** Elite política e cultura política (1881-1889). Dissertação de Mestrado. Niterói: UFF, 1997.